

Cinema de mulheres: considerações sobre gênero e feminismos¹

Daiane Teresa Bedin²

Jessica Tavares de Souza³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Este trabalho propõe discutir os conceitos e percepções dos estudos feministas para analisar o cinema feito por mulheres. A pesquisa busca explorar como as teorias feministas sobre o cinema, aqui vistas pelas discussões de Laura Mulvey (1999), Ann Kaplan (2012) e Karla Holanda (2017), podem enriquecer nossa compreensão da estrutura de produção cinematográfica e ser uma base para análise das obras de cineastas mulheres a partir dos estudos de gênero.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero; Cinema; Feminismo.

INTRODUÇÃO

Podemos entender o cinema como espaço político, de memória e de resistência. O cinema enquanto mídia e arte tem relações intrínsecas com a sociedade, muitas vezes sendo um reflexo desta. Ao considerarmos o cinema feito por mulheres, não nos limitamos apenas aos filmes dirigidos e produzidos por elas, mas também às sensibilidades compartilhadas que influenciam a percepção do mundo na sétima arte.

Este trabalho busca articular os conceitos dos estudos feministas e suas contribuições para as discussões sobre cinema, se atentando principalmente nas especificidades reveladas no encontro das mulheres com as câmeras. A produção cinematográfica, um cenário historicamente dominado por homens, prevê a naturalização de certas perspectivas que excluem experiências originadas em diferentes condições de produção, reforçando uma visão unidimensional.

A reflexão proposta por este trabalho busca entender o papel do cinema na construção e desconstrução das representações de gênero, explorando as interseções entre cinema e feminismo e destacando a importância da produção de mulheres no cinema. Ao

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Memórias e identidades nas audiovisualidades, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM/UFSM), e-mail: daiane.bedin@acad.ufsm.br

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM/UFSM), e-mail: souza.jessica@acad.ufsm.br

reconhecer a importância das cineastas na transformação do cenário audiovisual, busque compreender como o cinema feito por mulheres transcende a expressão artística, tornando-se uma ferramenta na reconfiguração das narrativas de gênero na sociedade contemporânea.

GÊNERO E CINEMA: UMA REVISÃO

Joan Scott (1995) refere o gênero como uma organização social da relação entre os sexos, sendo este um dos elementos que estruturam a identidade social e individual. A preocupação com a desigualdade de gênero e com a desvalorização das representações do feminino, implica considerar diversos aspectos como: a desvantagem social, econômica e política, bem como as situações de opressão específicas de gênero que ainda se abatam sobre as mulheres. Os conceitos de gênero norteiam as relações sociais e de poder que se estipulam com base nas representações sociais, sendo então, “um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana” (Scott, 1995).

Para Piscitelli (2009), é importante pensarmos não apenas na distinção entre homens e mulheres, entre o masculino e o feminino, mas em como essa distinção é construída em articulação com outras diferenças, como de raça, classe social, nacionalidade e idade. Aliada a esse pensamento de entrecruzamento de características e opressões, Crenshaw (2002), tipifica as interseccionalidades como forma de observar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo e patriarcalismo. A partir da ideia de interação entre as subordinações, a autora pensa o conceito de super exposição de opressões, na qual a mulher é submetida enquanto é atravessada pelos diversos marcadores sociais.

Denominamos de "cinema feito por mulheres" não apenas os filmes produzidos, dirigidos e realizados por mulheres, mas também as maneiras de perceber e compartilhar sensibilidades que compõem uma forma de vivenciar o cinema em relação ao mundo. Estes elementos não necessariamente resultam em filmes feministas ou que abordem o gênero como tema central. Nosso objetivo é destacar os modos de percepção (Benjamin, 2012) revelados no encontro das mulheres com as câmeras, enfatizando formas de

compreensão do mundo e como essa relação se manifesta nos filmes, influenciando os espectadores.

Dado que historicamente os homens ocuparam posições de evidência e destaque na produção cinematográfica, a naturalização de certas formas de perceber o mundo no cinema exclui espectadores de experiências originadas em diferentes condições de produção. O cinema feito por mulheres representa um amplo campo de possibilidades originado no encontro das mulheres com as câmeras. Reconhecendo as diferenças entre as mulheres, essa produção cinematográfica reconhece as singularidades da experiência feminina, resultado da unicidade de vivências compartilhadas no mundo, em meio a estruturas dominantes (Holanda, 2017).

Ao pensarmos o cinema feito por mulheres, especialmente o cinema documentário, podemos relacionar que sua produção no Brasil está intimamente ligada às ondas do movimento feminista no país. A partir da década de 1980, com a introdução, comercialização e adoção do vídeo no país, narrativas documentárias começaram a ser produzidas, distribuídas e exibidas em circuitos associados aos movimentos sociais que surgiram durante o processo de redemocratização. Em um contexto de agitação política e questionamento dos valores culturais e sociais, práticas documentárias vinculadas ao feminismo viabilizaram a criação de filmes que aproximaram os conceitos de documentário e feminismo, anteriormente considerados dissociados. Dessa maneira, um conjunto de filmes produzidos por mulheres surgiu como uma resposta contrária aos valores patriarcais, ampliando a visibilidade das questões da luta feminista.

A identificação desse novo olhar das cineastas brasileiras, que busca uma representação renovada da mulher diante das câmeras, vai além do ambiente do set e se origina em posicionamentos políticos evidentes, refletindo-se até mesmo nos enquadramentos de câmera. Essa tendência se fortalece notavelmente a partir da década de 1970, uma época em que pequenas revoluções eclodem em todo o mundo, manifestando-se inclusive nos primeiros debates sobre mulher e cinema. Entretanto, é importante reconhecer que, durante a ditadura militar, as mulheres e suas criações artísticas e posicionamentos políticos enfrentavam obstáculos consideráveis, sendo difícil que fossem plenamente acolhidas.

CINEMA, OLHARES E FEMINISMO

A análise teórica do cinema sob a perspectiva feminista ganha destaque com trabalhos como o de Laura Mulvey em 1975, que critica a construção da imagem feminina como objeto de prazer para o espectador masculino no cinema hollywoodiano. Mulvey propõe a necessidade de um "contracinema", uma linguagem cinematográfica que rompa com os padrões tradicionais e patriarcais, oferecendo múltiplas perspectivas. Em 1975, no artigo "O Prazer Visual e o Cinema Narrativo" publicado na revista *Screen*, Mulvey apresentou os primeiros fundamentos de uma crítica ao cinema tradicional de Hollywood em relação à construção da imagem da mulher. Seu objetivo era evidenciar como o cinema hollywoodiano se apropriou do discurso machista e patriarcal da sociedade, promovendo uma visão da mulher como objeto de desejo.

Mulvey também observa uma transformação no cinema ao longo dos anos, destacando os avanços tecnológicos que proporcionaram novas condições de produção. Essas mudanças permitiram que o cinema oscilasse entre o "artesanal" e o capitalista, expandindo o acesso aos instrumentos de filmagem e possibilitando a emergência de um cinema alternativo. Essa evolução possibilitou uma compreensão e reação contra as obsessões e premissas da sociedade patriarcal refletidas no cinema de Hollywood, que historicamente codificou o erótico e promoveu valores patriarcais (Mulvey, 1999).

Quanto à proposta de um cinema feminista, Elizabeth Ann Kaplan (2012) argumenta que os filmes feitos por mulheres não são meramente caracterizados pelas preocupações temáticas e pela audiência feminina a que se destinam. Em vez disso, destacam-se pela resistência aos papéis femininos normativos e pela recusa em se conformar aos requisitos patriarcais. Isso implica na desestabilização de estereótipos e categorias do gênero cinematográfico, resultando na criação de um cinema híbrido e na introdução de novas representações do feminino. Kaplan (2012) explora o trabalho cultural realizado pelas críticas feministas ao "inventar" o gênero do filme feminino e discute como esse processo influencia as práticas do cinema feminista na atualidade.

UMA METODOLOGIA: MODO FEMINISTA DE PENSAR O CINEMA

A partir das discussões propostas e de um pensamento feminista no cinema, indaga-se como a contribuição teórica feminista pode então colaborar na análise e discussões do cinema feito por mulheres?

Para pensarmos uma análise de cinema a partir do feminismo, precisa-se entender a subjetividade como forma de conhecimento, a qual propõe uma nova relação entre teoria e prática, pensando assim um novo agente epistêmico, que é localizado e subjetivo (Rago, 2019). A partir disso, pensa-se então na desconstrução dos temas e interpretações masculinas e considera-se outras possibilidades interpretativas (Rago, 2019). Articulado também o pensamento feminista e seus desdobramentos teóricos, é possível pensar a partir dos campos discursivos de ação, propostos por Sonia Alvarez (2014), a construção da linguagem cinematográfica então como formações nitidamente políticas nas quais a cidadania é construída e exercida, os direitos são imaginados, e não só demandados, as identidades e necessidades são forjadas e os poderes e os princípios são negociados e disputados (Alvarez, 2014).

A partir destas discussões, propõe-se a articulação entre as teorias do cinema e feminista, principalmente no que tange a análise fílmica de filmes produzidos por mulheres, apoiando-se em uma metodologia que combina a análise de filmes e o gênero enquanto categoria analítica. A proposta de uma análise fílmica feminista busca adentrar nas complexidades das representações de gênero, poder e identidade presentes nas obras cinematográficas.

Ao examinar as escolhas narrativas, os enquadramentos de câmera, a construção dos personagens e a linguagem visual, somados ao contexto político, econômico e social, uma análise fílmica feminista visa identificar e problematizar estereótipos de gênero, submissões culturais e representações limitadas das experiências femininas. Além disso, a análise pode ser observada de uma perspectiva interseccional, reconhecendo que as experiências das mulheres são moldadas por diversas identidades, como raça, classe social, orientação sexual e outros marcadores sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida que exploramos as interseções entre cinema e feminismo, torna-se evidente que esse diálogo não é apenas um exercício acadêmico, mas no cenário contemporâneo, o cinema, quando abraçado por uma perspectiva feminista, é um agente de expressão, resistência e transformação. O cinema, como reflexo das bases da nossa sociedade, desempenha um papel fundamental na construção das percepções de gênero, e, dentro desse contexto, o olhar crítico do feminismo emerge como uma categoria de

análise para além dos contextos sociais e estéticos. Nesse sentido, pensar uma análise fílmica a partir de gênero como categoria analítica não é apenas uma ferramenta de desconstrução, mas também um convite à reconstrução de narrativas femininas.

Nas últimas décadas, a conscientização de que as estruturas cinematográficas estão intrinsecamente ligadas às relações de gênero resultou em inúmeros estudos que buscam compreender essas dinâmicas, sejam elas do ponto de vista de produção ou das representações. Este trabalho busca contribuir nas reflexões sobre os estudos de cinema a partir de uma guinada feminista, na qual é preciso repensar os padrões de "grande arte" que foram moldados por percepções patriarcais. Valorizar e reconhecer as contribuições das mulheres em todas as áreas do cinema é essencial para romper com as estruturas que perpetuam as desigualdades de gênero neste campo, e analisar as suas obras a partir de uma ótica feminista é reconstruir um espaço que lhe foi negado sistematicamente.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, S. E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**, 43, jan-jun 2014, pp. 13-56.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Benjamin e a obra de arte**. RJ: Ed. Contraponto, 2012.

HOLANDA, K. Cinema brasileiro (moderno) de autoria feminina. In: HOLANDA, K; TEDESCO, M. C. (org.). **Feminino e plural: mulheres no cinema brasileiro**. Campinas, SP: Papyrus, 2017. p. 43-59.

KAPLAN, E. A. Troubling Genre/Reconstructing Gender. In: GLEDHILL, C. (org.) **Gender meets genre postwar cinemas**. University of Illinois Press, 2012. p. 71-83.

MULVEY, L. Visual Pleasure and Narrative Cinema. In: LEO BRAUDY AND MARSHALL COHEN (Ed.). **Film Theory and Criticism: Introductory Readings**. New York: Oxford UP, 1999. p. 833-844.

PISTICELLI, A.. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo. **Diferenças, igualdade**. São Paulo, Berlendis & Vertecchia, 2009, pp. 116-148.

RAGO, M.. Epistemologia feminista, gênero e história. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.) **Pensamento feminista brasileiro – Formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 371-387.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, n. 20, v. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99 ou em HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 48-80.